

# Um município apostou no futuro e acertou no presente

Em Icapuí, premiada pelo Unicef, merenda e transporte administrados por pais e professores não falham

• ICAPUÍ (CE). Até se mudar para Icapuí, no ano passado, Ivonilda Rodrigues da Silva, de 11 anos, não sabia ler, contar ou escrever. Mas a escola fez uma revolução na sua cabeça. O Centro Vocacional Pedagógico do Bairro Belém, onde estuda com os dois irmãos, tem, a exemplo das 32 escolas rurais de Icapuí, amplo espaço para lazer. A merenda e o transporte escolar, administrados por um conselho de pais, professores e alunos, nunca falham. Ali Ivonilda teve contato, pela primeira vez, com computadores e com teatro, música, dança e ginástica olímpica. Quando chegar à 5ª série, poderá desfrutar de outros privilégios, entre eles o de escrever e editar o jornal mensal da escola.

Filhos de pais que ganham a vida humildemente na pesca da lagosta e nas lavouras, Ivonilda e 95% das crianças de Icapuí tinham tudo para ter um futuro pouco promissor se a Prefeitura e os moradores não tivessem iniciado, há 11 anos, uma ação conjunta que ficou conhecida como Universalização do Ensino.

## Espaços ociosos foram transformados em salas

O diretor do Departamento de Ensino, Clotenir Damaceno Raballo, lembra que, com arrecadação mensal de R\$ 130 mil e, na época, com apenas oito escolas, a Prefeitura e os moradores tiveram que tomar atitudes drásticas para enfrentar o analfabetismo.

— Inicialmente todos os espaços ociosos viraram salas de aula. Depois as escolas foram sendo construídas e professores foram contratados — conta, acrescentando que, nos primeiros anos, a Prefeitura investiu até 80% do orçamento em saúde e educação.

O projeto, que em 1991 ganhou o Prêmio Internacional Criança e Paz do Unicef, fez numa década o índice de analfabetismo baixar de 51% para 19% e a evasão escolar cair de 23% para 9%. O município, que em 1986 tinha apenas 800 alunos matriculados, conseguiu zerar o déficit com a construção de 30 escolas, o que elevou para 5.300 o número de matrículas.

— Hoje só não estuda quem não quer — diz Clotenir.

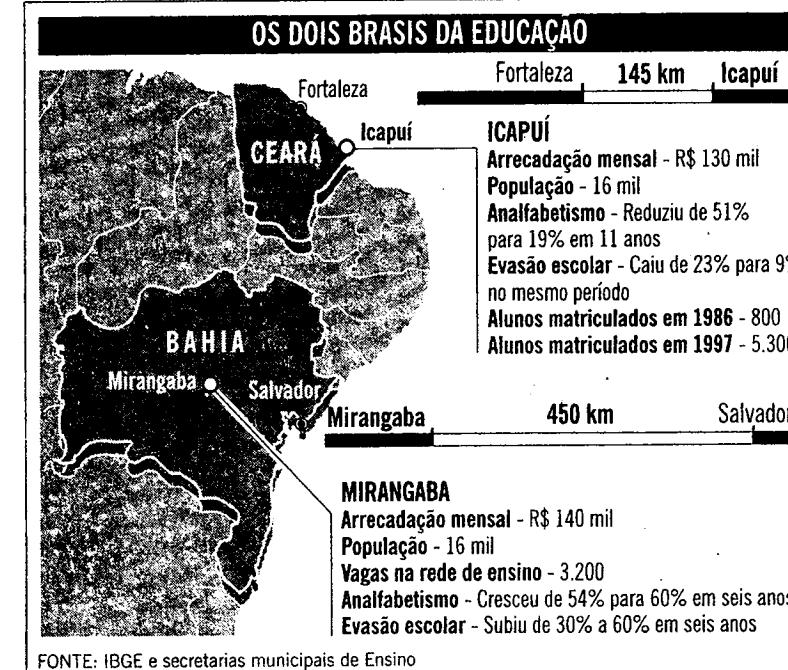
O entusiasmo pela escola se reflete na rotina de Ivonilda, que, quando chega em casa, depois da aula, tenta ensinar o pai, o lavrador Raimundo da Silva, de 40 anos, o que aprendeu. A menina primeiro ajuda a mãe nas tarefas domésticas. Depois, improvisa um quadro-negro e consegue atrair o pai, amigas e vizinhas.

Trabalhando 12 horas por dia na colheita do caju em troca de salário-mínimo, Raimundo pouco aprende nas aulas com a filha. Mas, diante do entusiasmo de Ivonilda, reconhece que a professora Joana D'Arc da Silva estava certa quando, numa visita no início do ano passado, garantiu-lhe que a escola traria de volta a alegria dos três filhos.

## Professores passam por reciclagem a cada 15 dias

Para a professora Linelde de Carvalho, de 32 anos, do Colégio Mizinho, o grande mérito do projeto foi ter resgatado a cidadania e o amor próprio das crianças e dos moradores. Formada em pedagogia pela Faculdade de Mossoró (RN), Linelde, a exemplo das demais professoras, é obrigada a passar a cada 15 dias por cursos de reciclagem ministrados por professores da Universidade Federal do Ceará. A professora, que recebe R\$ 500, explica que as escolas adotam o construtivismo, que leva em conta as experiências dos alunos, e os métodos de Paulo Freire, que preconizam a aplicação das experiências da escola à vida da comunidade.

Os primeiros filhos do projeto, que tinham tudo para estar na roça, hoje ganham a vida transmitindo cultura, educação e esporte às outras crianças. Antonieta Amorim, de 20 anos, é diretora de Cultura; José Wellington Carlos Lima, de 21, professor de balé clássico e ginástica olímpica; e José Robson de Almeida, de 15, maestro da Orquestra Sons de Flautas. A história deles não difere muito da dos demais jovens do município: filhos de pescadores e lavradores, receberam cursos



gratuitos nas áreas em que hoje atuam e, apesar de continuarem estudando, trabalham no projeto de cultura e esportes.

Responsável pelo Departamento de Literatura, Paulo Sérgio Costa, de 19 anos, que estuda letras em Mossoró (RN), explica que a educação contagiou a cidade de maneira tão intensa que não passa pela cabeça dos jovens se mudar para centros maiores.

— Como uma corrente que passa de geração para geração, os jovens sentem necessidade de levar à frente o projeto — diz.

Formada por 32 alunos da Escola Gabriel Reis, a orquestra regida por Robson exemplifica bem essa corrente. Pelo menos duas vezes por semana apresenta em creches e escolas de Primeiro Grau uma coletânea de cantigas populares, que ganhou o nome de "Sinfonia na Onda da Alegria", e tem o objetivo de ajudar na alfabetização dos alunos.

Demonstrando preocupação com as crianças, Mauro Alexandre, de 14 anos, Alex Sandro Costa e Maria José de Oliveira, de 13, discutem com o maestro e os alunos a metodologia e as canções. Os alunos adquiriram esse senso de responsabilidade na Escola Gabriel Epitácio Reis, onde

têm a tarefa de elaborar um jornal e até comandar a sala de aula na ausência do professor.

A euforia cultural ganha as praias e bairros com a realização de shows de artistas da terra, feiras de artes plásticas e a exibição gratuita de filmes e de grupos de teatro. Segundo o princípio de que o conhecimento deve ser estendido à comunidade, a revolução do ensino com esse viés artístico tem ajudado o município também a superar suas crises, como a que reduziu este ano em 50% a pesca da lagosta. Dez adolescentes do grupo de teatro de rua Flor do Sol passaram a escalar uma rocha de 30 metros de altura para ensaiar ao ar livre a peça "Pesca da lagosta".

Encenada ao vivo todos os domingos nas praias, a peça ensina a comunidade a lidar com o turismo e a respeitar o ciclo da pesca, para torná-la menos predatória. Filhos de pescadores do Bairro Redonda, os integrantes do grupo têm em torno de 16 anos, estão cursando o Segundo Grau, são fãs do ator Paulo Autran e pretendem ingressar numa faculdade na vizinha Mossoró (RN).

O trabalho de conscientização dos pescadores foi reforçado com a implantação, em janeiro,

do projeto Enquanto os Barcos Dormem. O programa foi implantado nos dois meses em que a pesca da lagosta esteve proibida pelo Ibama, quando a Prefeitura conseguiu atrair para as escolas 160 pescadores. Em troca do comparecimento assíduo às aulas, os pescadores receberam cestas básicas de alimentação.

O resultado superou as expectativas. Mesmo após o fim do curso, o pescador Raimundo Nonato da Silva, de 53 anos, resolveu continuar na escola, tornando-se um dos 200 integrantes do Escola Aberta, programa de alfabetização de adultos. Apesar de passar mais de 15 horas no mar, ainda encontra forças para assistir às aulas no Bairro Redonda.

## Próximo desafio da Prefeitura é a geração de empregos

Para o prefeito Dedé Teixeira (PT), que é geólogo, a crise da lagosta reforçará ainda mais o próximo desafio: a geração de empregos. Nos planos do prefeito estão o aperfeiçoamento do turismo e a implantação de salinas e de uma escola que ensinará os pescadores a explorar outros tipos de pescado. A Prefeitura conseguiu sanar o problema da saúde (todos os bairros têm hospitais equipados que distribuem remédios), que foi municipalizada, e trabalha para aperfeiçoar ainda mais o programa educacional. A partir de agosto, a Prefeitura terá condições de oferecer aumento de 25% aos professores com a implantação do Fundo Nacional de Educação em Icapuí.

Segundo o prefeito, Icapuí, que já recebe complementação de verba de R\$ 42 mil do Governo do Ceará e R\$ 80 mil de outros convênios, por ter municipalizado a educação, mais uma vez poderá usufruir em primeira mão de um benefício distribuído pelo Governo federal.

— A política governamental definida pela Lei de Diretrizes e Bases e o fundo que passará para a comunidade em 1998 a administração dos recursos de saúde e educação já foram implantados há mais de uma década — diz. ■